

# Revisão e reescrita de textos a partir do trabalho com o gênero conto infantil

## Review and rewriting of texts from the work with the genre children's tale

Letycia Amaral Menezes <sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo discutirá características que definem o trabalho da correção (professor) e da revisão / reescrita (aluno) em uma turma do Ensino Fundamental. Foram analisadas as produções feitas por alunos do 5º ano, com o acompanhamento em salas de aula e durante a sua escrita. Diante do conto narrativo produzido pelos alunos, o professor desenvolveu uma correção que fosse textual e ao mesmo tempo interativa, com o intuito de ampliar o conteúdo nos textos dos seus alunos. Com base nisso, o índice de melhora no texto foi obtida de forma gradativa, pois eles observaram aquilo que haviam escrito e com base nos apontamentos, melhoraram e completaram o texto.

**Palavras-chave:** Revisão. Correção. Escrita. Reescrita. Conto. Ensino Fundamental.

### ABSTRACT

This article will discuss characteristics that define the work of revision (teacher) and rewriting (student) in an Elementary School class. We analyzed the productions made by students of the 5th year, with the accompaniment in classrooms and during their writing. Before the narrative story, produced by the students, the teacher developed a revision that was textual and at the same time interactive, in order to expand the content in the texts of his students. Based on this, the index of improvement in the text was in a gradual way, as they observed what they had written and based on the notes, improved and completed the text.

**Keywords:** Review. Writing. Rewriting. Tale. Elementary School.

## 1 INTRODUÇÃO

De acordo com um estudo realizado pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), “cinquenta e nove por cento dos alunos brasileiros chegam 5º ano do ensino fundamental sem terem desenvolvido competências e habilidades elementares de leitura“ (INEP, 2003, p.3). Isso, geralmente, acontece devido à qualidade do ensino público, cuja melhoria não é vista como algo simples, ou seja, que possa ser explicada através de uma variável, apenas, mas por um conjunto de variáveis.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. O presente artigo é fruto de pesquisa realizada no bojo da disciplina Práticas de Revisão de Textos, do Bacharelado em Letras. E-mail: letyciamenezes11@gmail.com.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), “[...] o ensino de Língua Portuguesa tem sido marcado por uma sequenciação de conteúdos que poderia ser chamada de aditiva: ensina-se a juntar sílabas [...] juntar frases para formar textos.” (BRASIL, 1998. P. 35-37). Isso significa que, a partir do momento em que uma criança inicia o seu processo de alfabetização, ela aprende a unir elementos simples em componentes, buscando construir novos, mais complexos, através dessa junção. Assim, escrevem várias frases e/ou palavras, que juntas, numa visão simplista, podem formar um texto – sem se considerar que seja uma escrita com ou sem coerência.

No entanto, os PCN reiteram que o trabalho com a produção de texto tem por finalidade “formar escritores competentes e capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes” (BRASIL, 1998. P.47). Dessa forma, a produção de texto deverá ser concebida como uma importante atividade em sala, com o intuito de que a professora auxilie o aluno durante o seu processo, através de intervenções que serão realizadas no texto do aprendiz, a fim de que o aluno melhore gradualmente o texto, na vivência do processo de escrita e reescrita.

Com objetivo de verificar como se dá a situação de ensino e aprendizagem da produção textual, esta pesquisa foi desenvolvida na Escola Municipal Ápio Cardoso, junto com a professora referência e a professora voluntária, nas “Oficinas de Produção Textual”. Sendo amparada pela perspectiva sócio histórica de ensino e aprendizagem textual, respaldada pelos pressupostos de Bakhtin (1992; 2003), Koch (2007) e Vygostsky (1988), busquei a verificação de características que são presentes no gênero textual “conto infantil”. Podemos assim, definir como objetivo específico analisar como se dão a correção ou a revisão como um trabalho feito pelo professor e a escrita e a autorrevisão e reescrita por parte dos alunos. Foram analisadas produções textuais do 4ª série (5º ano) do Ensino Fundamental I, com o objetivo de fazer interferências para que o seu processo possa melhorar de forma gradativa.

## **2 O PROCESSO DE REVISÃO E REESCRITA**

Este estudo tem como finalidade a verificação das características do gênero conto infantil que definem aspectos do trabalho do professor e do revisor, no seu processo de desenvolvimento junto dos alunos da 5º ano do ensino fundamental. Analisando as práticas de produção textual, foi possível observar as aulas do professor e as produções feitas pelos alunos. O objetivo é que não seja investigada somente a finalização dos projetos, mas também, todo o processo do qual se originou a versão final do seu texto. Assim, iremos perceber que a escrita é concebida através de um processo contínuo.

Nessa perspectiva processual, podemos averiguar que ela é demarcada pelos documentos: Base Nacional Comum Curricular (MEC, 2017) e Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998), entre outros.

Os PCN afirmam, que “a revisão deve ser monitorada desde o seu planejamento até o seu processo de escrita” (BRASIL, 1998, p.26). Isso só reitera que não é necessário dar ênfase somente ao produto final, mas sim a todo o processo, dando atenção à revisão, ao seu planejamento (inicial e final), enfim a todo o procedimento de ensino e de aprendizagem.

A observação das aulas nos permitiu refletir que o processo de reescrita não é comum em um contexto escolar. O mais comum é que os alunos pratiquem somente o primeiro passo (que no caso, é a escrita), permanecendo com a primeira versão do texto, sem retomá-lo como material de análise e de reescrita, o que teria boas implicações no aprimoramento da forma do texto e da qualidade de escrita do aluno.

Dessa forma, constatamos que a correção, a revisão e a reescrita complementam-se e se auxiliam na construção do texto. E ao revisar seu texto, com as marcas ou mensagens deixadas pelo professor, o aluno tem a chance de analisar e refletir a respeito dos elementos escolhidos e, caso julgue necessário, fará a prática da reescrita. Assim, após a avaliação do professor, o aluno pode identificar e adotar diferenças na reestruturação do texto.

Menegassi (1998) aponta que Fabre (1986), apresenta quatro tipos de operações linguísticas utilizadas na reescrita:

I) Adição ou acréscimo: pode tratar-se do acréscimo de um elemento gráfico, acento, sinal de pontuação, grafema [...], mas também de uma palavra, de um sintagma, de uma ou de várias frases; II) Supressão: supressão sem substituição do elemento suprimido. Ela pode ser aplicada sobre unidades diversas, acentos, grafemas, sílabas, palavras sintagmáticas, uma ou diversas frases; III) Substituição: supressão, seguida por substituição por um termo novo. Ela se aplica sobre um grafema, uma palavra, um sintagma, ou sobre conjuntos generalizados; IV) Deslocamento: permutação de elementos, que acaba por modificar sua ordem no processo do encadeamento. (FABRE, 1986, apud MENEGASSI, 1998, p. 44- 45).

Assim, percebemos que o aluno ao reescrever o seu texto, tem como base os apontamentos que são feitos pelo professor. Pode acontecer de o aluno substituir o termo em destaque por outro, ou acrescentar algo a mais para que o texto fique completo. De acordo com Serafini (1988), as intervenções podem ser feitas de três formas: I) Indicativa: o professor apontará somente os erros, sendo esses apontamentos feitos por um risco, círculo, sublinhado, *etc.*; II) Resolutiva: o revisor sinaliza o erro, reescrevendo da forma correta; e III) Classificatória: os apontamentos são feitos por sinais pré-definidos pelo aluno e o professor.

Outra forma de interferência do professor, diante da intervenção que deverá ser feita no

texto do aluno, é a abordagem textual-interativa (Assis, 2006), sob a forma de bilhetes. Nascimento (2009) acredita que essa é uma estratégia de revisão inovadora, pois possibilita construir um espaço colaborativo e interativo entre o aluno e o professor. Os bilhetes proporcionam uma abordagem com “aspectos mais amplos relacionados à estrutura textual, de forma que as circulações do gênero dificilmente sejam apontadas através de marcações ou símbolos.” (NASCIMENTO, 2009, p. 66).

Diante disso, percebemos que o trabalho deve ser desenvolvido de forma contínua, e que demanda fases em que os alunos passam a considerar que aquilo que estão escrevendo é um texto, isto é, o resultado de um trabalho planejado e elaborado. Dessa forma, este artigo tem também como objetivo a discussão / verificação das características do gênero que possibilitem o trabalho de revisão do professor e o processo de produção por parte do aluno.

### **3 A INTERTEXTUALIDADE E O DIALOGISMO PRESENTES NA REESCRITA**

A intertextualidade é a relação existente entre dois textos, caracterizada por um citar diretamente ou remeter / aludir ao outro, ou mesmo servir de base para que o outro seja escrito. Ela se dá de forma explícita e implícita, ou seja, “[...] a intertextualidade explícita seria marcada por código tipográfico ou por menção, enquanto que a implícita dependeria exclusivamente do leitor para recuperá-la” (KOCH, 2007. p. 124) e dessa forma, ambos devem ser contextualizados de acordo com a realidade vivida.

Ligado ao conceito da intertextualidade, existe o intertexto, que funciona quando o leitor é capaz de perceber uma referência de um autor ou de uma obra a outros textos. Ele serve para ilustrar a importância do mundo e como este interfere na compreensão do texto, pois, ao relacionar um com outro, o leitor entenderá que a intertextualidade é uma estratégia na construção dos mesmos, que permite uma leitura e uma produção, ou seja, um texto nasce por meio do diálogo intertextual com outro(s). Para Koch e Elias (2006), a intertextualidade é:

[...] um elemento constituinte e constitutivo do processo de escrita/leitura e compreende as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de um dado texto depende de conhecimento de outros textos por parte dos interlocutores, ou seja, dos diversos tipos de relações que um texto mantém com outros textos. (KOCH; ELIAS, 2006 p. 86).

A partir da construção de um texto, formado por vários outros, o leitor precisa atribuir a este um entendimento, para que haja diálogo, ou seja, para que assim, possa construir esse processo projetado pela leitura, efetuando a adequada produção de sentido.

Bakhtin afirma que “o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva” (BAKHTIN, 2002, p.88), ou seja, o dialogismo passa a

ser evidente não somente na troca de ideias, mas também com o envolvimento evidenciado no processo dialógico de construir o discurso com o discurso do outro. Dessa maneira, os sentidos da comunicação passam a serem construídos, não são dados de forma cabal. Assim, percebemos que o dialogismo é constitutivo da linguagem e constituído por ela, e aparece em diversas situações.

Nesse sentido, a reescrita é tida como um processo dialógico reflexivo, em que em um diálogo tem-se a percepção do “eu” sobre o “outro”, e o entendimento das construções de sentidos que podem aparecer. Por outra maneira, a reescrita é um momento de reflexão que envolve os discursos atribuídos a outrem, com o intuito de construir as próprias ideias e os novos sentidos.

Segundo Bakhtin, o dialogismo compõe a compreensão ativa e a atitude responsiva, ou seja, elas estão diretamente ligadas à constituição do autor sujeito, o qual desenvolve uma prática de (re)escrita. Para Carrijo e Padilha (2013), “[...] Na prática de reescrever, o aluno preocupa-se em organizar as suas apreciações valorativas, tendo em consideração as particularidades do gênero e, também, buscará escrever de maneira que o seu destinatário compreenda. Tal aspecto leva-nos à exotopia.” (CARRIJO; PADILHA, 2013, p 194).

Isso acontece devido à visão que o próprio aluno possui sobre a sua produção, ou seja, ele começa a compreender que precisa melhorar a forma de enunciação, depois das intervenções feitas pelo professor e, a partir disso, começa a construir um novo olhar a respeito daquilo que foi / como foi escrito. Desde a sua primeira versão da produção da escrita, percebemos que o aluno inicia o processo de constituir-se como um autor e, para ser sujeito ao mesmo tempo, no momento da reescrita, o seu trabalho precisa passar a ser mais reflexivo, se tornando alguém mais consciente e percebendo que o seu texto precisa ser melhorado.

Este artigo tem o objetivo de, considerando os aspectos acima, verificar como é possível que as características do gênero possam definir o trabalho de revisão (do professor) e da reescrita (do aluno) do Ensino Fundamental. Destaca-se que o trabalho de análise da escrita decorreu da forma que foram observadas e acompanhadas as aulas do professor e as etapas das produções feitas pelos alunos.

#### **4 O TRABALHO COM A ESCRITA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA**

A aula foi iniciada com uma conversa sobre o que era a reescrita, pois como já tinha sido trabalhada com a professora referência, esperava-se que eles se lembrassem de algo que foi útil, para iniciarmos o trabalho. Dessa forma, vários alunos se lembraram do que era a reescrita e exemplificaram as suas lembranças com atividades que já tinham sido feitas. Após essa conversa, foi passado a eles o conto “Chapeuzinho Vermelho”, para ser lido. Logo após o conto, havia duas

folhas, uma destinada à “escrita” e a outra à “reescrita”. Depois da leitura, os alunos foram orientados a começar a desenvolver a atividade proposta.

O conto proposto é um exemplar do tipo textual narrativo, de caráter infantil – como atestam os personagens, o espaço e, principalmente, a sua temática:

*“Era uma vez, numa pequena cidade às margens da floresta, uma menina de olhos negros e louros cabelos cacheados, tão graciosa quanto valiosa. Um dia, com um retalho de tecido vermelho, sua mãe costurou para ela uma curta capa com capuz; ficou uma belezinha, combinando muito bem com os cabelos louros e os olhos negros da menina.*

*Daquele dia em diante, a menina não quis mais saber de vestir outra roupa, senão àquela e, com o tempo, os moradores da vila passaram a chamá-la de “Chapeuzinho Vermelho”. Além da mãe, Chapeuzinho Vermelho não tinha outros parentes, a não ser uma avó bem velhinha, que nem conseguia mais sair de casa. Morava numa casinha, no interior da mata. De vez em quando ia lá visitá-la com sua mãe, e sempre levavam alguns mantimentos. Um dia, a mãe da menina preparou algumas broas das quais a avó gostava muito, mas, quando acabou de assar os quitutes, estava tão cansada que não tinha mais ânimo para andar pela floresta e levá-las para a velhinha. Então, chamou a filha:*

*— Chapeuzinho Vermelho, vá levar estas broinhas para a vovó, ela gostará muito. Disseram-me que há alguns dias ela não passa bem e, com certeza, não tem vontade de cozinhar.*

*— Vou agora mesmo, mamãe.*

*— Tome cuidado, não pare para conversar com ninguém e vá direitinho, sem desviar do caminho certo. Há muitos perigos na floresta!*

*— Tomarei cuidado, mamãe, não se preocupe. A mãe arrumou as broas em um cesto e colocou também um pote de geleia e um tablete de manteiga. A vovó gostava de comer as broinhas com manteiga fresquinha e geleia.*

*Chapeuzinho Vermelho pegou o cesto e foi embora. A mata era cerrada e escura. No meio das árvores somente se ouvia o chilrear de alguns pássaros e, ao longe, o ruído dos machados dos lenhadores. A menina ia por uma trilha quando, de repente, apareceu-lhe na frente um lobo enorme, de pelo escuro e olhos brilhantes. Olhando para aquela linda menina, o lobo pensou que ela devia ser macia e saborosa. Queria mesmo devorá-la num bocado só. Mas não teve coragem, temendo os cortadores de lenha que poderiam ouvir os gritos da vítima. Por isso, decidiu usar de astúcia.*

*— Bom dia, linda menina — disse com voz doce.*

*— Bom dia — respondeu Chapeuzinho Vermelho.*

*— Qual é seu nome?*

*— Chapeuzinho Vermelho.*

*— Um nome bem certinho para você. Mas diga-me, Chapeuzinho Vermelho, onde está indo assim tão só?*

— Vou visitar minha avó, que não está muito bem de saúde.

— Muito bem! E onde mora sua avó?

— Mais além, no interior da mata.

— Explique melhor, Chapeuzinho Vermelho.

— Numa casinha com as venezianas verdes, logo após o velho engenho de açúcar.

O lobo teve uma ideia e propôs:

— Gostaria de ir também visitar sua avó doente. Vamos fazer uma aposta, para ver quem chega primeiro. Eu irei por aquele atalho lá abaixo, e você poderá seguir por este. Chapeuzinho Vermelho aceitou a proposta.

— Um, dois, três e já! — gritou o lobo.

Conhecendo a floresta tão bem quanto seu nariz, o lobo escolhera para ele o trajeto mais breve, e não demorou muito para alcançar a casinha da vovó. Bateu à porta o mais delicadamente possível, com suas enormes patas.

— Quem é? — perguntou a avó.

O lobo fez uma vozinha doce, doce, para responder:

— Sou eu, sua netinha, vovó. Trago broas feitas em casa, um vidro de geleia e manteiga fresca.

A boa velhinha, que ainda estava deitada, respondeu:

— Puxe a tranca, e a porta se abrirá.

O lobo entrou, chegou ao meio do quarto com um só pulo e devorou a pobre vovozinha, antes que ela pudesse gritar. Em seguida, fechou a porta. Enfiou-se embaixo das cobertas e ficou à espera de Chapeuzinho Vermelho. A essa altura, Chapeuzinho Vermelho já tinha esquecido do lobo e da aposta sobre quem chegaria primeiro. Ia andando devagar pelo atalho, parando aqui e acolá: ora era atraída por uma árvore carregada de pitangas, ora ficava observando o voo de uma borboleta, ou ainda um ágil esquilo. Parou um pouco para colher um maço de flores do campo, encantou-se a observar uma procissão de formigas e correu atrás de uma joaninha. Finalmente, chegou à casa da vovó e bateu de leve na porta.

— Quem está aí? — perguntou o lobo, esquecendo-se de disfarçar a voz.

Chapeuzinho Vermelho se espantou um pouco com a voz rouca, mas pensou que fosse porque a vovó ainda estava gripada.

— É Chapeuzinho Vermelho, sua netinha. Estou trazendo broinhas, um pote de geleia e manteiga bem fresquinha!

Mas aí o lobo se lembrou de afinar a voz cavernosa antes de responder:

— Puxe o trinco, e a porta se abrirá.

— Chapeuzinho Vermelho puxou o trinco e abriu a porta.

O lobo estava escondido, embaixo das cobertas, só deixando aparecer a touca que a vovó usava para dormir. Coloque as broinhas, a geleia e a manteiga no armário, minha querida netinha, e venha aqui até a minha cama. Tenho muito frio, e você me ajudará a me aquecer um pouquinho. Chapeuzinho Vermelho obedeceu e se enfiou embaixo das cobertas. Mas estranhou o aspecto da avó. Antes de tudo, estava muito peluda! Seria efeito da doença? E foi reparando:

— Oh, vovozinha, que braços longos você tem!

— São para abraçá-la melhor, minha querida menina!  
— Oh, vovozinha, que olhos grandes você tem!  
— São para enxergar também no escuro, minha menina!  
— Oh, vovozinha, que orelhas compridas você tem!  
— São para ouvir tudo, queridinha!  
— Oh, vovozinha, que boca enorme você tem!  
— É para engolir você melhor!!!

*Assim dizendo, o lobo mau deu um pulo e, num movimento só, correu atrás da pobre Chapeuzinho Vermelho, que gritava insistentemente por socorro. Foi quando o caçador apareceu para ajudá-la, e atirou no lobo e o matou, abriu a barriga e tirou de lá a vovó.”*

(Irmãos Grimm, clássico infantil popular)

Costa (2003, s/p.) afirma, que “os contos, principalmente o infantil, retratam de forma simples as linhas gerais do comportamento humano, nos seus aspectos psicológicos, culturais e linguísticos”. Dessa forma, podemos considerar que essas narrativas são apresentadas na forma de linguagem simples, priorizando as situações inusitadas e improváveis, algo que poderia acontecer a qualquer pessoa, sobretudo, em relação a sua cultura. Por meio de contos, podem ser observadas as questões a que todo indivíduo se vê confrontado, como a rivalidade entre as gerações, integração no mundo adolescente / adulto, *etc.*

Observa-se que as características do gênero não foram estudadas novamente e essa foi uma proposta da professora.

Bakhtin (1992) afirma que, “a partir de seus estudos a respeito do enunciado, propõem-se algumas questões fundamentais para a produção do enunciado concreto em situação de interação”. Logo, pode-se levar em conta que, no momento da escrita, é preciso que se tenha o que dizer sobre o conteúdo proposto, uma finalidade e o que dizer sobre o outro. O interlocutor desse texto será o professor e o seu papel será de ler, acompanhar o processo de construção do texto e atribuir uma nota; assim, “Quando o estudante visualiza somente seus interlocutores reais: professor e colega, a finalidade fica restrita ao fato de atender ao que foi solicitado e de apresentar algum resultado a eles. Com isso, o estudante não considera o “destinatário superior”.” (BAKHTIN/ VOLOCHINOV, 1992, p. 60).

Dessa forma, foram propostas quatro etapas para a construção da reescrita do conto: leitura, planejamento, execução (escrita) e revisão (reescrita). A partir disso, o processo de escrita foi realizado; foi possível observar que a etapa do planejamento não foi obedecida por alguns alunos. Esse fato é visto como comum, pois o planejamento pode significar atraso no momento de escrever o texto. Durante a escrita, a professora tentou auxiliar os alunos, conversando e questionando sobre

o que estava escrito, agindo como uma mediadora. No fim da aula, os textos foram entregues e, após sete dias, a professora devolveu as produções com os seus apontamentos e com a orientação de que pudessem passar para a folha da reescrita.

Neste artigo, expõem-se as versões de um aluno com o intuito de mostrar a produção feita em sala.

**1ª versão (22/10/2018):**

“Chapeuzinho vermelho

A vovo de chapeuzinho vermelho disse: chapeuzinho vamos a feira comprar fruta e verdura. o lobo faminto que ria comer algo entao ele foi atras da chapeuzinho melhor ele comprou carne fruta bolos biscoitos e foi embora e o lobo falou que ajudar chapeuzinho vermelho e correu com as coisas dela ela asustada correu atras do lobo e descobrindo a caverna que ele mora e ligou para a delegacia para pegar as coisas dela o policial imtrou na caverna e pegou as coisas de chapeuzinho vermelha.”

**Apontamentos feito pela professora (29/10/2018):**

Observe as palavras que você errou:

- chapeuzinho = Chapeuzinho
- que ria = queria
- asustada = assustada
- descobrindo = descobrindo
- imtrou = entrou

Reestruture seu texto a partir das marcações feitas:

- Pontuação;
- Início de frase com letra maiúscula;
- Ortografia;
- Observe que você não finalizou o seu texto. Depois que a polícia entrou na caverna e buscou as coisas de Chapeuzinho, o que aconteceu?

Trata-se de um texto narrativo, em que o aluno obedeceu ao que foi solicitado pela professora, isto é, deveria redigir o começo, o meio e o fim. Observe que o aluno seguiu essa estrutura solicitada pela professora, construindo a sua história baseada na estrutura narrativa e temática do modelo apresentado (o texto de apoio). Em um quadro comparativo entre a escrita do aluno e o

texto apoio, pode-se observar a estrutura.

**Quadro 1: Comparação entre o texto de apoio e o texto do aluno**

	<b>Texto de apoio: “Chapeuzinho Vermelho”</b>	<b>Texto do aluno: “Chapeuzinho Vermelho”</b>
<b>Estrutura da história</b>	<i>— Chapeuzinho Vermelho, vá levar estas broinhas para a vovó, ela gostará muito. Disseram-me que há alguns dias ela não passa bem e, com certeza, não tem vontade de cozinhar.</i>	<i>A vovo de chapeuzinho vermelho disse: chapeuzinho vamos a feira comprar fruta e verdura.</i>
	<i>Olhando para aquela linda menina, o lobo pensou que ela devia ser macia e saborosa. Queria mesmo devorá-la num bocado só. [...] — Gostaria de ir também visitar sua avó doente. Vamos fazer uma aposta, para ver quem chega primeiro. Eu irei por aquele atalho lá abaixo, e você poderá seguir por este. Chapeuzinho Vermelho aceitou a proposta. — Um, dois, três e já! — gritou o lobo.</i>	<i>o lobo faminto que ria comer algo entao ele foi atras da chapeuzinho melhor ele comprou carne fruta bolos biscoitos e foi embora e o lobo falou que ajudar chapeuzinho vermelho e correu com as coisas dela</i>
	<i>Assim dizendo, o lobo mau deu um pulo e, num movimento só, correu atrás da pobre Chapeuzinho Vermelho, que gritava insistentemente por socorro.</i>	<i>ela asustada correu atras do lobo e descobrindo a caverna que ele mora e ligou para a delegacia para pegar as coisas dela</i>
	<i>Foi quando o caçador apareceu para ajudá-la e atirou no lobo e o matou, abriu a barriga e tirou de lá a vovó.</i>	<i>o policial imtrou na caverna e pegou as coisas de chapeuzinho vermelha.</i>

Fonte: elaboração da autora, 2018.

É possível identificar, pela comparação, que a estrutura narrada pelo aluno se encaixa na estrutura apresentada no texto entregue pela professora. Como foi pedido, o aluno reescreveu a história, mas não deixou perder a estrutura da narrativa original. Portanto, mesmo se lida sem a presença do seu texto base, pode-se identificar a qual história se refere.

Ao revisar e reescrever, o aluno se posiciona diante do seu texto como um leitor, e passa a observar o que poderia ser melhorado, por esse motivo, a reescrita é um fator responsável, sendo

seguido pela revisão. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, “[...] o fato de refazer faz parte do processo de escrita, aprofundando assim, na reestruturação do texto. [...] Por meio das práticas mediadas, os alunos podem se apropriar de habilidades que sejam necessárias para a sua autocorreção. (BRASIL, 1998, p. 77-78. Grifo nosso).

Referentemente ao processo de escrita, reescrita e revisão, observe o texto antes e depois das intervenções necessárias:

**Quadro 2: Primeira e segunda versão do texto do aluno**

ANTES	DEPOIS
<p><i>chapeuzinho vermelho</i>  <i>A vovo de chapeuzinho vermelho disse: chapeuzinho vamos a feira comprar fruta e verdura. o lobo faminto que ria comer algo entao ele foi atras da chapeuzinho melhor ele comprou carne fruta bolos biscoitos e foi embora e o lobo falou que ajudar chapeuzinho vermelho e correu com as coisas dela ela asustada correu atras do lobo e descobrindo a caverna que ele mora e ligou para a delegacia para pegar as coisas dela o policial introu na caverna e pegou as coisas de chapeuzinho vermelha.</i></p>	<p><i>Chapeuzinho Vermelho</i>  <i>A vovó de Chapeuzinho Vermelho, <b>chamou ela e disse: - Chapeuzinho, vamos à feira comprar frutas e verduras?</b></i>  <i><b>O lobo faminto, que ouviu a conversa escondido, foi atrás de Chapeuzinho e da Vovó.</b></i>  <i>Na feira, elas comparam carne, frutas e verduras, e o lobo, <b>logo ofereceu ajuda para carregar as sacolas.</b> Quando Chapeuzinho aceitou ajuda, ele saiu correndo com tudo. Ela muita assustada, correu atrás dele e descobriu a caverna que ele morava. Ligou para a delegacia e contou o que tinha acontecido, os policiais <b>logo chegaram e entraram na caverna. Pegou todas as coisas que era de Chapeuzinho e prendeu o lobo.</b></i></p>

Fonte: elaboração da autora, 2018.

Na produção do conto “Chapeuzinho Vermelho”, a professora optou por destacar dois aspectos formais de revisão: I) a ortografia; II) acréscimo de informações; todos durante o texto, através de bilhetes. Na revisão feita, observaram-se os aspectos abordados no enunciado, a forma e o conteúdo em relação a sua produção narrativa.

Dentro do texto, aconteceu um dialogismo entre todos esses aspectos, de forma que o texto se tornasse coerente e coeso. Ruiz (2010) afirma que o uso dos bilhetes demonstra um trabalho de revisão textual interativa e isso faz com que surta efeito na reescrita do aluno.

Em uma pesquisa feita com alunos do Ensino Fundamental, Christenson (2002, s/p.) afirma que, “a melhor maneira de se posicionar diante do texto do aluno, como um mediador, é por meio de questionamentos”, ou seja, isso ajuda com que o aluno desenvolva os seus processos de escrita.

Na reescrita de um texto, o produto final pode vir melhor do que o esperado ou menos adequado com base nas escritas padrões, isso depende de como o aluno entende as observações apontadas pelo professor. A professora questiona o aluno sobre algumas lacunas que o texto possui, como: “ligou para a delegacia para pegar as coisas dela o policial imtrou na caverna e pegou as coisas de chapeuzinho vermelha”, questionamento feito pela professora: “Depois que a polícia entrou na caverna e buscou as coisas de Chapeuzinho, o que aconteceu?”.

Dessa forma, observa-se que o trabalho feito entre o mediador e o aluno busca fazer com que o aluno reflita sobre aquilo que desenvolveu, de modo a melhorar suas ideias. Podemos observar que, na segunda versão, o aluno respondeu ao questionamento feito pelo professor e, assim, conseguiu aprimorar o seu texto, complementando-o, para que o seu entendimento ficasse melhor à medida que a leitura fosse feita. Isso se dá pelo amadurecimento do processo de leitura do aluno, pois ao reler aquilo que tinha escrito, percebeu a necessidade de uma explicação que teria sido solicitada pela professora.

O trabalho de revisão possibilitou que o aluno pudesse acrescentar informações ao seu texto, respondendo os questionamentos feitos pela professora em sua primeira versão. A segunda versão possui informações que foram adicionadas pelo aluno a partir da reescrita, com a ajuda da professora, em que ele consertou as palavras com a grafia errada e adicionou novas informações, possibilitando um texto mais coerente e coeso. Logo, os questionamentos feitos pela professora possibilitaram que o aluno repensasse aquilo que foi escrito, acrescentando novas informações e produziu uma construção de narrativa mais adequada.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O principal objetivo deste artigo foi verificar as características que o gênero escolhido define ao trabalhar revisão e reescrita no Ensino Fundamental. Foram analisadas as práticas de produção feita pelos alunos do 5º ano, observando as aulas do professor. Os resultados obtidos mostraram que há indícios de que há o reconhecimento do gênero textual e seus elementos constitutivos pelos alunos. Diante da narrativa produzida, o professor desenvolveu um tipo de revisão que pode ser tanto textual quanto interativa, com o intuito de ampliar o conhecimento dos alunos sobre a forma e o conteúdo dos textos.

Houve apontamentos na primeira versão dos textos dos alunos, com o uso de bilhetes,

fazendo com que o espaço de interação entre o aluno e o professor fosse ampliado. Observa-se que a professora apresenta o conteúdo aos alunos de forma que tal postura os ajude na construção de sua narrativa. Essa postura também acontece no momento da revisão, em que o professor faz os apontamentos e o entrega ao aluno para que sua reescrita seja feita.

O texto que foi produzido pelo aluno obedeceu às solicitações da professora, foi seguida a estrutura indicada pela professora, e com base nisso, os alunos construíram a sua história baseada no texto de apoio, de modo que a criação do texto se prendeu ao original, apropriando-se os alunos do seu estilo e da sua estrutura.

Na revisão, como a professora já havia trabalhado o conteúdo em sala (pontuação e ortografia), no momento da explicação da atividade só houve uma recapitulação daquilo que tinha sido ensinado aos alunos. Durante o seu momento de reflexão sobre as correções e os apontamentos da professora, os alunos foram levados a pensar sobre o que eles haviam escrito, fazendo as correções necessárias e acrescentando novas informações que ele teria ocultado, aumentando assim, a construção da sua narrativa - neste artigo, trouxe um exemplar, mas os demais alunos participaram de forma semelhante dessa estratégia adotada pela professora, que se pautou pela escrita e reescrita orientada.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, Juliana Alves. **Aprender a ensinar**: a correção de textos por professores em formação. Congresso Latino-Americano sobre Formação de Professores, UFSC, 9 a 11 de novembro de 2006.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BRASIL, Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa: 5ª a 8ª séries**. Brasília: SEF, 1998.
- CARRIJO, Viviane Letícia Silva; PADILHA, Simone de Jesus. **O ensino reflexivo e dialógico da reescrita**: Contribuições da teoria bakhtiniana. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/viewFile/664/1117>>. Acesso em: 25 de out. 2018.
- COELHO, Luana; PISONI, Silene. **Vygotsky**: sua teoria e a influência na educação. Disponível em: <[http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/e-ped/agosto\\_2012/pdf/vygotsky\\_-\\_sua\\_teorica\\_e\\_a\\_influencia\\_na\\_educacao.pdf](http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/e-ped/agosto_2012/pdf/vygotsky_-_sua_teorica_e_a_influencia_na_educacao.pdf)>. Acesso em: 23 de out de 2018.
- DAMASCENO, Ana Christina de Sousa. **Intertextualidade, leitura e produção**. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/intertextualidade-leitura-e-producao-textual/71997/>>. Acesso em: 23 de out. 2018.

- FUZA, Ângela Francine; MENEGASSI, Renilson José. **Revisão e reescrita de textos a partir do gênero textual conto infantil.** Disponível em: <<http://periodicos.uern.br/index.php/dialogodasletras/article/viewFile/222/146>>. Acesso em: 23 de out. 2018.
- KOCH, I.G.V; BENTES, A.C; CAVALCANTE, M.M. Intertextualidade: diálogos possíveis. Capítulo 6: **Intertextualidade - outros olhares.** São Paulo: Cortez, 2007.
- KOCH, Ingedore Villaça, Elias, V.A: **Ler e compreender:** os sentidos do texto. 2 . ed. – São Paulo: Contexto, 2006.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção de sentido.** 9º ed., são Paulo: Contexto, 2008.
- OHUSCHI, Márcia Cristina Greco; Menegassi, Renilson José. **Dialogismo, interação em práticas de linguagem no ensino de línguas.** Disponível em: <[http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Livros/dialogismo\\_interacao\\_em\\_praticas\\_de\\_ensino.pdf](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Livros/dialogismo_interacao_em_praticas_de_ensino.pdf)>. Acesso em: 25 de out de 2018.
- PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação do. **Diretrizes Curriculares da Educação: Língua Portuguesa.** Paraná, 2008.
- RUIZ, Eliana Maria Severino Donoio. **Como se corrige redação na escola.** Tese de Doutorado, IEL, UNICAMP, 1998
- SANTOS, Almir Barbosa dos. **A importância da intertextualidade no conto desenredo.** Disponível em: <<https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/viewFile/1568/249>>. Acesso em: 23 de out de 2018.
- SILVA, Silvia Suzana Rosa Nagnibeda; DUTRA, Jaqueline Aparecida dos Santos. **A escrita e a reescrita textual dos gêneros conto e sinopse como instrumento de aprendizagem linguística.** Disponível: <[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2014/2014\\_u\\_epg\\_port\\_artigo\\_silvia\\_suzana\\_rosa\\_nagnibeda\\_silva.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_u_epg_port_artigo_silvia_suzana_rosa_nagnibeda_silva.pdf)>. Acesso em: 23 de out de 2018.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.